

MUDANÇAS DE ENQUADRE E OCORRÊNCIA DE *FOOTING* NA FALA DE MESTRE AMARO

Mayra Moreira (UCS)

maymore@yahoo.com

RESUMO

Este artigo busca analisar as diferentes formas como a personagem Mestre José Amaro se descreve para diferentes interlocutores em situações de interação comunicativa na primeira parte da obra *Fogo Morto*, de José Lins do Rego. Foram selecionados para estudo os excertos em que Mestre Amaro se autodefine através de suas opiniões sobre questões políticas e de organização social. Nestes excertos, observaram-se as frequentes mudanças de enquadre e a ocorrência de *footing*, dentro do discurso de José Amaro e do narrador, durante as interações entre os personagens. Complementando o estudo, buscou-se identificar o uso de termos regionais na linguagem de mestre Amaro como forma de demonstrar sua identidade cultural regional em seu “feixe de relações” (POZENATO, 2003, p. 9).

Palavras-chave: Mudança de enquadre. Interação. *Footing*.

1. Introdução

As profundas mudanças políticas, sociais, econômicas e tecnológicas, ocorridas na segunda metade do século XIX, fizeram com que os engenhos de açúcar no nordeste brasileiro começassem a entrar em decadência. José Lins do Rego, nascido em 1901, viveu sua infância como um menino rico de engenho na zona rural da Paraíba, o que lhe possibilitou vivências que mais tarde se transformaram em inspiração.

Em 1932, José Lins do Rego escreve *Menino de Engenho*, seu primeiro romance, em que começa a descrever e contar a decadência dos senhores de engenho nordestinos. No ano de 1943, o romancista publica *Fogo Morto*, que é considerado pela crítica sua obra prima por apresentar as desigualdades do Brasil abandonando o tom nostálgico e dando aos seus personagens profundidade psicológica.

A temática dos conflitos vividos pela população brasileira, que são denunciados no romance regionalista da década de 30, torna possível que *Fogo Morto* dê “vida” a mestre José Amaro. Ele é um homem livre, mas dependente dos senhores de engenho, que quer mudanças políticas e sociais, mas resiste às novas tecnologias, e que precisa se autoafirmar e se autodefinir de formas distintas a interlocutores diferentes.

Pela maleabilidade em expressar suas opiniões sobre a organização social em que vive como forma de falar sobre si e pelo fato de essas opiniões se modificarem de acordo com quem o ouve, vislumbrou-se a possibilidade de estudo da personagem mestre Amaro sob o viés de sua adequação ao contexto comunicativo. Foram alvo de análise as mudanças de enquadre e as ocorrências de *footing* durante a primeira parte da obra, que tem o nome desse personagem como título.

De acordo com Goffman (1982), o enquadre é dinâmico e ocorre durante a interação, enquanto *footing* seria a habilidade que o falante tem de mudar de um enquadre para outro, negociando pistas contextuais entre os interlocutores. Os excertos destacados para análise neste trabalho buscam mostrar que mestre Amaro possui o que Goffman (1979) descreve como a habilidade de assumir o papel de prontidão no fluxo da comunicação, sempre pronto para manter a ação em diferentes círculos de conversa.

Em relação a *footing* e mudanças de enquadre, Kramersch (2001) afirma que:

Uma alteração de *footing* é conectada a uma mudança na nossa estruturação mental de eventos. [...] enquadre, ou de capacidade de aplicar uma forma de interpretação a um evento de fala ou discurso através de uma contextualização sugestionada [...], é a nossa maneira de ligar um evento de fala com outros eventos similares que já experienciamos, e de antecipar eventos futuros. É através da partilha de enquadres e interpretações que as pessoas sabem que compartilham a mesma cultura.¹³⁷ (KRAMSCH, 2001, p. 44 – Tradução nossa)

2. Mestre José Amaro, o seleiro

Um homem simples, de idade desconhecida apesar de afirmar estar velho, que mora na estrada para o engenho de Santa Fé e tem apenas dois amigos: o capitão Vitorino Carneiro da Cunha, seu compadre, e Alípio, contrabandista de cachaça e seu meio de contato com o cangaço.

A habilidade de seleiro aprendida com o pai lhe permite o susten-

¹³⁷ "A change in footing is connected with a change in our frame for events. [...] framing, or de ability to apply a frame of interpretation to an utterance or speech event through a contextualization cue [...], is our way of linking the speech event to other similar speech events we have experienced, and to anticipate future events. It is by sharing frames of interpretations that people know that they share the same culture".

to de sua família e lhe traz a falsa sensação de liberdade perante o senhor de engenho. No entanto, essa diferença em relação aos outros personagens transforma-se em um agravante ao ego de Zé Amaro. O mestre seileiro demonstra instabilidade emocional com rompantes de péssimo humor em todas as situações de interação com as personagens que estão em seu caminho, seja em família, seja socialmente.

Ele rejeita os clientes como manifestação de rebeldia e reforça assim a utilidade de sua habilidade artesanal, que está sendo substituída pelos novos métodos de produção. A mesma rebeldia aparece em relação a organização dos engenhos, as leis da época, as autoridades constituídas e também em forma de crítica as tendências políticas da região. Porém, há momentos em que Zé Amaro está dentro de si e então relativiza sua vida, sua família, seu ofício e seu ego.

3. *Mudanças de enquadre e footing.*

A mudança na linguagem (léxico, prosódia ou sintaxe) indica que o falante poderá estar realizando *footing* dentro da conversa, demonstrando e marcando aproximação ou distanciamento ao discurso da comunidade em contato. Os excertos que seguem, transcritos fielmente da obra (REGO, 1984), buscam exemplificar a afirmação acima.

No quadro 1 a seguir apresentamos exemplos de diálogos em que as personagens falam sobre o voto.

Diálogo entre Mestre Amaro e Salvador, o bicheiro (p. 48)	– Ouvi falar, mestre Zé, que o senhor está contra o governo. É o que me contou o pintor Laurentino. <i>O seileiro fez cara feia para Salvador</i> – Venda os seus bichos, seu Salvador, e deixe a vida dos outros. – Me desculpe, mestre. Só fiz perguntar. Laurentino estava conversando sobre isso com o carteiro, na estação. Estava até gabando o senhor. – Eu não preciso de Laurentino para coisa nenhuma. Que vá à merda, ouviu, seu Salvador? <i>Voto em quem bem quiser, voto até no diabo.</i>
Diálogo entre Mestre Amaro e Pascoal, o mascate “italiano” (p.55)	– Então, seu José, já soube do novo governo que vem aí? – Que governo? – O coronel Rego Barros – Seu Pascoal, eu vou lhe dizer uma coisa. Este homem que o senhor vê aqui sentado, batendo sola, sabe o que está fazendo. <i>E parou arrependido de ter falado. O italiano regateava no preço das linhas, dos botões, mas a sua atenção estava voltada para o mestre José Amaro.</i> – O senhor não vai votar, seu José? – Olhe, seu Pascoal, pode dizer aí, por toda parte, que o mestre José

	Amaro só vota num homem. É no capitão Antônio Silvino. – Está falando sério, seu José? – Mais do que sério.
Diálogo entre Mestre Amaro e Capitão Vitorino Carneiro da Cunha, compadre do mestre e parente de senhor de engenho com influência política na região (p. 60)	– Compadre, as eleições estão aí. O Rego Barros é homem para botar ordem nesta nossa Parafba. Veja que quem lhe está falando é o homem que conhece política como a palma da mão. – Compadre, eu não estou pensando nestas coisas. Vivo aqui nesta tenda, e quero sair daqui para o cemitério. – Besteira. O compadre tem o seu voto. – O que é um voto, meu compadre? – Um voto é uma opinião. É uma ordem que o senhor dá aos que estão em cima. O senhor está na sua tenda e está mandando num deputado, num governador. – Compadre Vitorino, eu só quero mandar na minha família – É por isso que esta terra não vai para diante. É por isso. É porque um homem como meu compadre José Amaro não quer dar valor ao que tem. – Não tenho nada, compadre.

No primeiro e no segundo exemplos, José Amaro trata com iguais e fala o que lhe vem à cabeça. No diálogo com Pascoal, porém, o narrador faz com que se perceba um turno de fala silencioso e o arrependimento inicial da personagem em manifestar-se. No terceiro exemplo, Amaro também trata com um igual. No entanto, pelo fato de Vitorino pensar ter influência política e falar sobre o assunto com ar de autoridade, a personagem não manifesta sua opinião.

No quadro 2 apresentamos exemplos de diálogos em que as personagens falam sobre sua relação com a terra/casa.

Diálogo entre Amaro e Laurentino, o pintor. (p. 17)	– É o que lhe digo, seu Laurentino. Você mora na vila. Soube valorizar o seu ofício. A minha desgraça foi esta história de bagaceira. É verdade que senhor de engenho nunca me botou canga. Vivo nesta casa como se fosse dono.
Diálogo entre Amaro e Pedro, o boleiro do Senhor de Engenho. (p. 24)	– [...] O coronel Lula passa por aqui, me tira o chapéu como um favor, nunca parou para saber como vou passando. Tem o seu orgulho. Eu tenho o meu. Moro em terra dele, não lhe pago foro, porque aqui morou meu pai, no tempo do seu sogro.
Diálogo entre Amaro e Cel. Lula de Holanda, o Senhor do Engenho. (p. 118)	– Quem é que manda neste engenho, hein, mestre José Amaro? De quem é essa terra, hein, mestre José Amaro? – O senhor sabe melhor do que eu, coronel.

Como dissemos anteriormente, a escolha por um modo de falar em detrimento de outro depende do interlocutor, do tópico e do contexto. Deste modo, percebe-se, que ao realizar *footings*, os interlocutores buscam relações de identificação cultural. No entanto, quando o mestre se-leiro fala sobre “sua terra/casa” a busca é inversa. Nesse momento, a per-

sonagem demarca seu território e de formas distintas demonstra sua não identificação com Laurentino e Pedro. Por não admitir completamente ser da bagaceira, não falta com respeito ao senhor de engenho, mas também não pronuncia que a terra é do coronel.

No quadro 3 apresentamos exemplos de diálogos indicando poder x obediência

Diálogo entre Zé Amaro e Sinhá, sua esposa de Mestre José Amaro. (p. 17)	<i>Aí o mestre José Amaro levantou a voz.</i> – Nesta casa mando eu. Quem bate a sola o dia inteiro, quem está amarelo de cheirar sola, de amansar couro cru? Falo o que quero
Diálogo entre Zé Amaro e Leandro, morador da bagaceira. (p. 22)	– Não estou zangado, estou dizendo a verdade. Sou um oficial que não me entrego aos mandões. Quando a gente fala nestas coisas vem logo um pobre como você dizendo que estou zangado. Zangado por quê? Porque digo a verdade?
Diálogo entre Zé Amaro e Negro Floripes, o afilhado do Cel. Lula de Holanda. (p. 52 e 53)	– [...] O que é que o coronel Lula quer de mim? – Não quer nada. Eu é que vim até aqui para lhe prevenir. – Eu agradeço, mas uma coisa eu lhe digo, seu Floripes, comigo não vai esta história de disse-que-disse. Comigo é no verdadeiro. Este negócio de fuxico, de galinhagem de mulher, não é para homem do meu quilate. Estou na minha casa, no trabalho, e quem quiser saber o que pensa o mestre José Amaro, que me pergunte, que digo na cara. É ali na focinheira. Está ouvindo, seu Floripes? Este homem que está aqui não tem medo de careta. Não tenho medo nem dos grandes nem dos pequenos. Tenho uma mulher e uma filha. É tudo o que tenho. Mas quem quiser saber o que vale mestre José Amaro que se meta com ele. Está ouvindo, seu Floripes?
Diálogo entre Zé Amaro e Cel. Lula de Holanda, o Senhor do Engenho (p. 119)	– Hein, mestre José Amaro, eu mandei chamá-lo para saber de coisas que o senhor anda dizendo, hein? – Coronel, eu não sei de nada. Vivo na minha casa, do meu trabalho. – Quem manda nesta terra, hein, mestre José Amaro? – Quem manda é o senhor do engenho. – Mando eu, hein, mestre José Amaro? – Coronel, eu já disse.

Em uma leitura atenta aos exemplos, pode-se observar que o narrador desempenha papel fundamental para a percepção de ocorrência de *footings*, pois “mudanças na entonação e pronúncia também podem indicar mudanças na nossa percepção de nosso papel como participante de uma interação, e em nosso alinhamento com os outros.” (KRAMSCH, 2001, p. 42 – Tradução nossa)¹³⁸.

Observa-se em todo o recorte que as mudanças de enquadre nos

¹³⁸ “changes in intonation and pronunciation can also indicate changes in our perception in our role as a participant in an interaction, and in our alignment”.

turnos de fala de mestre José Amaro acontecem de maneira socialmente contextualizada. Tais mudanças refletem "ações sociais investidas de sentidos a serem interpretados" (SANTOS, 2009, p. 13) por seus ouvintes endereçados.

4. Considerações finais

Através dos diálogos com os transeuntes que passavam em frente de sua casa, mestre Amaro constrói sua imagem e expressa suas opiniões sobre a sociedade em que vive. No decorrer deste trabalho, isso foi observado na mudança de enquadres e de *footing* constitutivos do encontro social que é o diálogo. Em relação aos enquadres, podemos dizer que predominaram três tipos: o enquadre de dominador, em que Amaro sobrepõe sua vontade e opinião à dos que ele considera menos importante; o enquadre entre iguais, no qual o mestre adequa sua fala para mostrar aproximação, admiração ou respeito aos seus interlocutores; e o enquadre de dominado, quando o seleiro cala-se frente às provocações do senhor do engenho.

No decorrer da interação, a personagem está em constante mudança de um enquadre a outro por meio de *footings* evidenciados por mudanças lexicais e indicações prosódicas feitas pelo narrador. Os enquadres também são importantes na compreensão da denúncia que o romance faz em relação à organização do espaço, da sociedade e da cultura da região dos engenhos de cana de açúcar.

Este estudo é apenas uma pequena contribuição para uma jornada conjunta entre linguística e literatura em direção ao estudo dos marcadores linguísticos como facilitadores da compreensão das diversas formas de interação entre personagens literários que refletem angústias e denunciam comportamentos da sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA Brasileira de Letras. *José Lins do Rego*. Disponível em: <www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inoid=752&sid=256>. Acesso em: 30-10-2014.

FGC CPDOC. *Anos de incerteza (1930-1937)*: romance regionalista. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30->

37/IntelectuaisEstado/RomanceRegionalista>. Acesso em: 01-11-2014.

GOFFMAN, E. Footing. Trad.: Beatriz Fontana. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.). *Sociolinguística interacional*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. *Frame Analysis: an essay on de organization of experience*. Boston: Northcastern University Press, 1982.

KRAMSCH, Claire. *Language and Culture*. 3. ed. OUP. 2001.

POZENATO, José Clemente. *Algumas considerações sobre região e regionalidade*. Disponível em: <www.ucs.br/site/midia/arquivos/artigo_pozenato.pdf>. Acesso em: 11-08-2014.

REGO, José L. *Fogo morto*. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.

SANTOS, Rafael J. Relatos de regionalidade: tessituras da cultura. *Antares*, n. 2, 2009.